

Notas e informações

As ilusões monetárias

*Economia
Brasil*

Os jornais noticiaram ontem, com destaque, o recorde de rendimento mensal das cadernetas de poupança — 13,163% —, que deve ter agradado aos que mantêm suas economias em tais aplicações. É esta a imagem mesma da economia da Nação, que se deixa iludir por ganhos nominais, quando deveria considerar que, neste momento em que tanto se fala em combate contra a inflação, se registra, em outubro, a mais elevada taxa de inflação do ano...

No início do mês de outubro, os membros do governo previam que a inflação seria ligeiramente inferior a 10%, embora pudesse ser um pouco superior a este valor, dependendo da data em que, no mês, os preços dos derivados do petróleo fossem reajustados. Não houve reajuste, que era tido como inevitável, mas a inflação chegou a 12,6%, a maior taxa do ano. Com este aumento, parece impossível conseguir que a taxa de 1984 seja inferior à do ano passado (211%).

O governo não deixará de assinalar que, medida pelos últimos 12 meses, a taxa de inflação, fixando-se em 211,0%, ficou mais uma vez mais baixa que no mês anterior (212,9%) — o que só aconteceu, na verdade, porque o mês de outubro do ano passado acusou a taxa recorde de 13,3%. Nossos ministros, que costumam denominar “acidentes de percurso” os estouros inflacionários, terão de ser muito prudentes ao ressaltar a queda da taxa inflacionária dos últimos 12 meses, pois, em novembro, talvez haja surpresas muito desagradáveis em termos de inflação desse período, uma vez que em novembro do ano passado se havia conseguido bai-

xar de 8,4% a inflação. Dificilmente se repetirá este mês a façanha (8,4% é *façanha*, em nossa economia!...) do ano passado. A menos, naturalmente, que sejam adiados os reajustes indispensáveis à saúde da economia e se decida deixar a bomba inflacionária explodir nas mãos do futuro governo.

A alta de outubro é atribuída à evolução dos preços no atacado (13,7%), e teria sido provocada por uma melhora do mercado. Triste constatação esta, num país onde uma recuperação tão frágil provoca reação tão irracional, que conduz, fatalmente, à nova queda da demanda! Com a nova lei salarial, sancionada anteontem pelo presidente da República, os que percebiam o equivalente a 50 salários mínimos ganharam 12% mais do que lhes assegurava o sistema regido pelo Decreto-Lei nº 2.065. Com isso, a classe média ia recuperar parte da perda de seu poder aquisitivo. A taxa de inflação de outubro veio anular totalmente, em termos de poder aquisitivo, essa aparente melhora.

Estamos tão acostumados a viver neste clima de ilusão monetária que procuramos sensibilizar os aplicadores em caderneta de poupança com a melhora que obtinham com o rendimento de 13,163%. Esta espécie de propaganda pode surtir o efeito, paradoxal, de fomentar saques das cadernetas, pois, para muitos, tal remuneração representa ganho, embora talvez não compense a perda de poder aquisitivo (salário) que a inflação acarreta.

Mais até do que com a própria taxa de inflação do mês de outubro, talvez devamos ficar preocupados com as

consequências dessa taxa para os meses vindouros. Já verificamos que, surpreendido pela inflação, o próprio governo teve de proceder a uma “mididesvalorização” cambial, que produzirá efeitos em cascata sobre o custo das importações (o que, naturalmente, acarreta como consequência o aumento dos preços dos derivados de petróleo).

As repercussões de uma alta dessa ordem sobre a dívida interna (da qual, como bem o lembra o economista Adroaldo Moura da Silva, não se pode esquecer o maior componente, a saber, os depósitos feitos no Banco Central em moeda estrangeira...) são dramáticas, pois ela significa maior pressão do setor público para rolar sua dívida. Como a expectativa de inflação é fator essencial do processo de elevação dos preços, pode-se imaginar que a taxa referente ao mês de outubro, apesar de todos os artifícios empregados pelo governo e da mobilização dos empresários para combater a inflação, não permitirá que se controle, neste final do ano, a dramática espiral.

Um governo em fim de mandato e diante deste espetáculo político tão desmoralizante dificilmente conseguiria impedir esta evolução dos preços. Convém advertir, porém, que estamos entrando por um caminho que poderá conduzir à hiperinflação e do qual só com medidas drásticas, que exigirão sacrifícios de todos, será possível escapar. O futuro presidente da República já deveria alertar a Nação para isto, em lugar de transmitir a idéia de que bastará um novo governo chegar ao Palácio do Planalto para que a situação se modifique...